

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

No país, profissionais em conflito de interesse assinam diretrizes para tratamentos

Conselho Federal de Medicina reconhece a situação 'conflituosa', mas diz que não há qualquer restrição legal

CLÁUDIA COLLUCCI
DE SÃO PAULO

Médicos brasileiros responsáveis por elaborar diretrizes clínicas têm ligações com laboratórios farmacêuticos, o que caracteriza conflito de interesses.

Diretrizes são orientações que padronizam a conduta para determinada doença. Feitos por entidades profissionais, esses documentos definem, por exemplo, qual a taxa de colesterol ou o nível de pressão arterial aceitáveis e quais as classes de remédios que devem ser usadas no tratamento dos pacientes.

A **Folha** pesquisou 11 dire-

trizes de hipertensão, obesidade, hepatites B e C, diabetes, artrite reumatoide, tromboembolismo, disfunção erétil, artrose e climatério. Constatou que a maioria dos médicos que as fizeram têm conflitos de interesse.

Dos 110 profissionais que fizeram o documento sobre hipertensão, 63 (57%) declararam que fizeram estudos, receberam ajuda, deram palestras ou escreveram textos científicos patrocinados por laboratórios. Dois deles têm também ações da indústria.

A situação se repete na diretriz sobre doenças cardiovasculares no climatério. Dos 39 médicos que a assinam, 19 (48,7%) são patrocinados. Dois têm ações da indústria.

Na diretriz de disfunção erétil, todos os cinco médicos têm conflitos de interesse.

A prática é polêmica, embora não seja ilegal. Nos EUA, há um movimento mé-

dico crescente que considera inaceitável essa prática. Apontam que, ao terem ligação com a indústria, os médicos podem favorecê-la prescrevendo mais remédios, minimizando os riscos das drogas ou distorcendo dados.

O CFM reconhece a situação "conflituosa", mas diz que não há hoje nenhuma restrição que médicos ligados a indústria participem de consensos. "Não tínhamos pensado nisso, mas é preciso rever essa situação. É difícil adotar diretrizes com pessoas comprometidas com a indústria. Pode perder a credibilidade", afirma Roberto D'Ávila, presidente do CFM.

O médico Wanderley Marques Bernardo, coordenador do "Projeto Diretrizes", da AMB (Associação Médica Brasileira), afirma que a diretriz segue uma metodologia rígida e que é baseada em fortes evidências científicas.

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

Segundo ele, há um grupo isento que faz uma revisão final. "Se houver ainda algum problema ou interesse, seja ele deliberado ou não, a gente corrige", diz ele.

O cardiologista Jadelson de Andrade, coordenador das diretrizes da SBC (Sociedade Brasileira de Cardiologia), argumenta que médicos de ponta geralmente são chamados pela indústria para participar de estudos e dar consultorias ou palestras.

Para ele, o ideal seria que o governo destinasse uma verba para a produção de diretrizes clínicas formuladas por pessoas isentas de conflitos.

Para Inez Gadelha, coordenadora do departamento de atenção especializada do Ministério da Saúde, "o ideal não existe". "É muito difícil não ter conflito. Uma coisa eventual, um jantar, uma viagem, não compromete. A questão é o grande conflito."

Protocolo sobre colesterol gera controvérsia

DE SÃO PAULO

Há uma polêmica em curso no Brasil sobre como tratar pacientes com índices elevados de colesterol no sangue (dislipidemias).

O ministério está elaborando um novo documento, mas não consultou a Sociedade Brasileira de Cardiologia, que já tem uma diretriz pronta sobre o tema.

Os cardiologistas dizem que, seguindo as novas recomendações do ministério, o SUS estará tratando mal os pacientes.

Um dos problemas seria o ministério considerar o nível ótimo do LDL (colesterol ruim) como inferior a 100 mg/dL (miligramas por decilitro de sangue).

A SBC preconiza um nível ótimo muito mais baixo, inferior a 70, segundo Jadelson de Andrade, coordenador das diretrizes da SBC.

Os cardiologistas também discordam de o ministério não incluir no documento a dislipidemia de base genética (hipercolesterolemia familiar), em que há

tendência a altos níveis de colesterol, independentemente de dieta ou exercício.

A proposta da SBC é que pacientes com o problema recebam a medicação gratuitamente no SUS, em razão do alto risco de eventos cardiovasculares.

Inez Gadelha, do Ministério da Saúde, afirma que o ministério consultou as melhores bibliotecas virtuais, como a Cochrane e a Pubmed, para elaborar o protocolo e que não é praxe ouvir as sociedades médicas na fase inicial do documento.

Ela afirma que a SBC apresentou contribuições durante a fase de consulta pública, que terminou no mês passado. "Assim como todas as demais apresentadas, essas contribuições serão analisadas e avaliadas, com base em critérios técnico-científicos."

Segundo Gadelha, o grupo técnico que elabora o protocolo assina um termo de confidencialidade para que não sejam assediados ou sofram interferências na elaboração do documento.

E a coordenação do grupo técnico, que faz o julgamento final dos trabalhos, é isenta de conflitos. (cc)

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

LIGAÇÕES PERIGOSAS Atividades que os médicos desenvolvem com a indústria



1 Participa de estudos clínicos e/ou experimentais patrocinados pela indústria farmacêutica ou de equipamentos



2 É palestrante em eventos ou atividades patrocinadas pela indústria



3 É membro do conselho consultivo ou diretivo da indústria farmacêutica ou de equipamentos



4 Participa de comitês normativos de estudos científicos patrocinados pela indústria



5 Recebe auxílio pessoal ou institucional da indústria



6 Elabora textos científicos em periódicos que são patrocinados pela indústria



O QUE SÃO AS DIRETRIZES

São guias que visam padronizar condutas sobre doenças ou procedimentos



A POLÊMICA

Para os bioeticistas, médicos que recebem da indústria "contaminam" as diretrizes. Podem exagerar na importância de doenças, minimizar riscos ou distorcer dados sobre drogas. Médicos negam

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

‘Profissionais patrocinados podem distorcer informações sobre drogas’

DE SÃO PAULO

Médicos que recebem recursos da indústria farmacêutica ou de equipamentos podem exagerar na prevalência ou na importância de doenças, minimizar os riscos e distorcer dados sobre a eficácia das drogas.

É a opinião da médica Adriane Fugh-Berman, professora do Georgetown University Medical Center, em Washington, considerada uma das maiores autoridades mundiais em conflitos éticos entre médicos e a indústria farmacêutica.

Em um dos últimos artigos que publicou, em setembro do ano passado, ela mostrou que uma farmacêutica multinacional plantou sistematicamente artigos favoráveis a seus medicamentos em periódicos científicos.

Adriane dirige o “PharmedOut”, um programa de educação e pesquisa sobre a influência da indústria na prescrição médica.

A seguir trechos da entrevista à **Folha**. (cc)

★

Folha - É aceitável que médicos responsáveis por diretrizes clínicas tenham conflitos de interesse com a indústria, ainda que declarados?

Adriane Fugh-Berman - Isso não deveria acontecer. Diretrizes clínicas devem de-

pendar da ciência, e as análises em casos em que a ciência não é clara devem ser feitas por pessoas imparciais, não por aquelas que têm conflitos de interesse.

Qual é o principal problema desses conflitos?

Os conflitos garantem que as metas do marketing das farmacêuticas sejam cumpridas. Os médicos pagos pela indústria representam o interesse da indústria, estejam eles conscientes disso ou não. Podem exagerar na prevalência ou na importância das doenças, expandir classificações de doenças, minimizar os problemas de segurança e não dar importância a terapias não-farmacológicas, como dieta e exercícios.

Qual é o impacto para o paciente?

Diretrizes são poderosos determinantes para os médicos. Elas deveriam ser elaboradas pelos defensores da saúde pública, não por médicos pagos pela indústria.

É possível elaborar diretrizes com 100% de isenção?

Sim! Os médicos pagos pela indústria farmacêutica são transportados para um mundo de oportunidades que distorcem o discurso da medicina. Há muitos médicos acadêmicos que não têm relações com a indústria.

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

› E EU COM ISSO?

Sites divulgam quem tem ligação com laboratórios

DE SÃO PAULO

No Brasil não há um banco de dados em que o paciente possa pesquisar se o seu médico é patrocinado pela indústria. Os laboratórios mantêm segredo sobre esses pagamentos.

Nos EUA, porém, sete laboratórios já começaram a

postar na internet nomes e valores pagos a médicos.

O site ProPublica (<http://projects.propublica.org/docdollars>) reuniu esses dados e montou um serviço em que o paciente coloca o nome do médico e o Estado onde ele atua e consegue saber se ele recebeu verbas.

No projeto diretrizes (www.projetodiretrizes.org.br), alguns documentos já constam a declaração de conflito de interesse de médicos, mas não há menção de valores. (cc)

Divulgação



Adriane Fugh-Berman,
da Universidade
de Georgetown

Médicos ligados à indústria ditam regras de conduta

ANÁLISE

Ninguém está livre da influência de processos inconscientes nas decisões

HÉLIO SCHWARTSMAN
ARTICULISTA DA FOLHA

Médicos, a exemplo de juízes e do pessoal do TCU, gostam de defender-se de insinuações de conflito de interesses apelando para a razão.

Com efeito, nenhum profissional de saúde em seu juízo perfeito receitaria uma droga sabidamente pior só porque recebeu um brinde do laboratório que a fabrica. Ainda que os médicos desprezassem solenemente seus

clientes, não teriam nenhum interesse em arriscar suas reputações por um badulaque.

Ocorre que médicos, como juízes e o pessoal do TCU, são seres humanos. E seres humanos, como demonstrou o neurologista Antônio Damásio, são incapazes até de pensar sem mobilizar emoções e outras manifestações do cérebro primitivo, as quais influenciam sutilmente decisões que julgamos racionais.

Tal fenômeno ocorre pelas mais insuspeitas vias. Uma

das formas pelas quais seres humanos entram em sincronia é através de discretas imitações de linguagem e expressões faciais. Um experimento de 2003 de Rick van Baaren mostrou que garçonetes que reproduzem palavras e trejeitos de fregueses obtêm mais gorjetas.

Médicos, é claro, não são uma exceção. Uma metanálise clássica publicada em 2000 no "Jama" concluiu que a distribuição de brindes, amostras grátis, refeições e subvenções para viagens têm indiscutível efeito.

Pagar uma viagem para um profissional aumenta entre 4,5 e 10 vezes a chance de ele receitar as drogas produzidas pela patrocinadora. Efeitos semelhantes foram medidos para cada uma das interações mais comuns entre médicos e indústria. Esse marketing ativo é tão eficiente que se estima que as farmacêuticas a ele dediquem até 30% de seus orçamentos.

Esse e outros efeitos dos processos inconscientes sobre a mente racional são tantos e tão poderosos que parte dos neurocientistas hoje sustenta que o livre arbítrio não passa de uma ilusão.